



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE GRADUAÇÃO - HISTÓRIA**

ADRANA LAURENTINO DA SILVA

VIOLÊNCIA DE GÊNERO: A PARTIR DO OLHAR DE HELEIETH SAFFIOTI

**CAMPINA GRANDE-PB
2019**

ADRIANA LAURENTINO DA SILVA

VIOLÊNCIA DE GÊNERO: A PARTIR DO OLHAR DE HELEIETH SAFFIOTI

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado a/ao
Coordenação /Departamento do
Curso de História da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
graduada em Licenciatura em
História.

Orientador: Prof. Ms. ROBERTO SILVA MUNIZ

**CAMPINA GRANDE-PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586v Silva, Adriana Laurentino da.
Violência de gênero [manuscrito] : a parti do olhar da Heleieth Saffioti / Adriana Laurentino da Silva. - 2019.
22 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Me. Roberto Silva Muniz ,
Departamento de História - CEDUC."
1. Machismo. 2. Mulher. 3. Violência de gênero. 4. Negro.
I. Título

21. ed. CDD 320.56

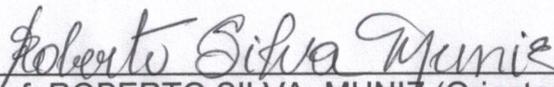
ADRIANA LAURENTINO DA SILVA

VIOLÊNCIA DE GÊNERO: A PARTIR DO OLHAR DE HELEIETH SAFFIOTI

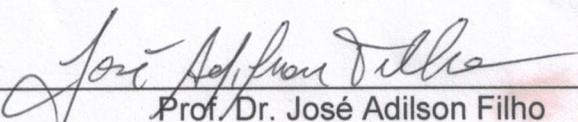
Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado a/ao
Coordenação /Departamento do
Curso História da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
graduada em História.

Aprovada em: 11/12/2019.

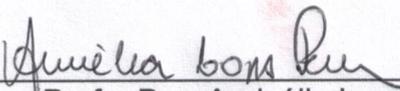
BANCA EXAMINADORA



Prof. ROBERTO SILVA MUNIZ (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Adilson Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Auricélia Lopes Pereira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1Suas principais obras:	6
2 O PROCESSO CULTURAL QUE PASSA DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO	9
2.1 Onde está centralizado o poder do macho?.....	10
3 PATRIARCADO -RACISMO E CAPITALISMO	14
4 AS CLASSES SOCIAIS	17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	21
AGRADECIMENTOS	22

VIOLÊNCIA DE GÊNERO: UM OLHAR A PARTIR DE HELEIETH I.B. SAFFIOTI

ADRIANA LAURENTINO DA SILVA

RESUMO

Este artigo está relacionado ao livro "O Poder do Macho", que foi encomendado pelo projeto Passos à Frente-Coleção Polêmica a Heleieth Saffioti em 1980, para escrever em uma linguagem simples, com o objetivo de atingir os jovens que não têm conhecimento científico, para que possam ter consciência dos fenômenos crúeis existente na sociedade brasileira que são: a discriminação contra a mulher e o negro, perante o poder dominador que é macho e branco.

Palavras-chave: Heleieth Saffioti. Machismo. Mulher. negro.

GENDER VIOLENCE : A LOOK FROM HELEIETH I.B. SAFFIOTI

ADRIANA LAURENTINO DA SILVA

ABSTRACT

This article is related to the book "The Power of the Male", which was commissioned by the Project Steps to The Controversial Front-Collection to Heleieth Saffioti in 1980, to write in a simple language, with the aim of reaching young people who do not have scientific knowledge, so that they can be aware of the raw phenomena existing in Brazilian society that are: discrimination against women and black, before the dominating power that is male and white.

Keywords: Heleieth Saffioti. Machismo. Woman. Black.

1 INTRODUÇÃO

Heleieth Iara Bongiovani Saffioti, socióloga, professora, escritora e pensadora feminista nasceu na cidade de Ibirá (SP) em 04 de janeiro de 1934, filha de uma costureira e de um pedreiro. Graduou-se em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP) em 1960. Suas primeiras pesquisas sobre a condição feminina datam desta década. As mulheres foram o material utilizado na construção da sua tese de

livre-docente defendida, em 1967, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), orientada pelo professor Florestan Fernandes. Este trabalho “A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade” foi uma sólida contribuição ao estudo da posição da mulher na sociedade, e das representações a que dá lugar.

Sua tese foi publicada pela Editora Vozes, em 1976 com o título de “A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade”. O livro não separa o problema da mulher dos problemas gerais da sociedade, mostrando de forma particular as relações entre a posição da mulher e o capitalismo. Com a análise da condição da mulher no Brasil. Casou-se com o químico Waldemar Saffioti e teve um filho. A autora SAFFIOTI faleceu no dia 13 dezembro de 2010, na cidade de São Paulo (SP).

1.1 Suas principais obras:

- A Mulher na Sociedade de Classe: Mito e Realidade, Petrópolis, Editora Vozes, 1976, teve várias edições; Emprego Doméstico e Capitalismo, Petrópolis, Editora Vozes, 1978;
- Do artesanal ao industrial: a exploração da mulher (1981);
- O fardo das trabalhadoras rurais (1983);
- Mulher Brasileira: Opressão e Exploração, Rio de Janeiro, Editora Achimé, 1984; Poder do Macho, Editora Moderna, 1987;
- Mulher Brasileira é Assim(1994); Violência de gênero: poder e impotência(1995).

Publicou ainda diversos artigos em periódicos nacionais e estrangeiros.

Heleieth Saffioti publicou o seu livro “O PODER DO MACHO”, a partir de um convite que ela recebeu da Editora Moderna- Projeto Passo à Frente da Coleção Polêmica-vol.10, sendo que a sua primeira edição publicada no ano de 1987 com o objetivo da autora escrever para “jovens” que não têm conhecimentos científicos, pois, a mesma enxergou esse convite como um desafio porque nunca havia escrito nada que fosse para explicar de forma pedagógica os fenômenos sociais em que ela define como cruéis que são: a

discriminação contra a mulher e o negro, através de uma linguagem simples, que não fosse sociológica. Esta análise será realizada dentro do contexto brasileiro, na tentativa de proporcionar aos “jovens” elementos para que possam analisar e se conscientizarem, das injustiças sociais ocorridas no país em que vivem.

Esta obra está dividida em seis capítulos e a autora lhe dá a característica de um questionário, indagando e explicando no decorrer de toda a obra, para que possa ser analisada de forma consciente pelo leitor, provocando nos jovens a busca por respostas e que possam atuar na sociedade com a prática justa. Utilizando de letras de músicas para mostrar como os problemas sociais afetaram o pensamento dos jovens da sociedade daquela época, o Brasil estava saindo de um sistema de governo bastante opressor que era a Ditadura Militar. Tenta expressar com clareza que a temática feminina não é do interesse masculino, mas sim, são assuntos que interessam apenas as mulheres. E busca uma sociedade mais justa e igualitária das relações de gênero.

No primeiro capítulo: a autora fala de uma identidade construída na sociedade tanto para o homem quanto para a mulher e como devem se comportarem. A mulher recatada ao ambiente doméstico, incumbida de cuidar dos afazeres domésticos, do marido e da socialização dos filhos. E mostra as diferenças existentes entre as classes sociais para cumprirem o mesmo papel na sociedade. Sendo a mulher rica que goza melhor do conforto oferecido pelo seu marido, com ajuda de serviçais, enquanto a vida da mulher pobre se torna mais árdua, porque além de cuidar do marido e dos filhos precisa trabalhar fora de casa para ajudar o seu marido nas despesas do cotidiano e tem que enfrentar a dureza da vida ao pegar vários transportes para cumprir o seu terceiro expediente que é no horário da noite em sua residência.

Apesar das desigualdades econômicas, ambas têm algo em comum a submissão ao homem do sexo masculino, baixos salários, a maternidade que Saffioti denomina de identidade básica e comum entre todas as mulheres. Em que a sociedade determina que a inferioridade feminina em relação ao homem está em sua força física. A autora tenta desconstruir esses pensamentos retrógrados e dizendo que:

“Do ponto de vista biológico, o organismo feminino é muito mais diferenciado que o masculino, estando já provado sua maior resistência. Tanto assim é que as mulheres, estatisticamente falando, vivem mais que o homem os homens”(SAFFIOTI,1987,p.13)

A autora mostra através de dados realizados em pesquisas que a mulher é mais resistente que o homem, desmistificando a ideologia do “sexo frágil”, sendo a mulher capaz de competir em pé de igualdade com o sexo masculino nas diferentes áreas do conhecimento ou no campo profissional.

Esta obra está fundamentada nas Lutas de Classes Sociais, do materialismo histórico e dialético de Marx, relativa a burguesia e a pobreza. Saffioti faz uma abordagem sobre a humanização da natureza, uma domesticação da natureza por parte do ser humano, este processo caracteriza-se, como tudo na vida social, pela contradição. Se por um lado, revela a capacidade humana de colocar a natureza a seu serviço, por outro lado interfere no ecossistema, destruindo muitas vezes, o equilíbrio ecológico, junto com a naturalização veio a desvalorização do espaço doméstico que criaram este ambiente como se fosse sempre da mulher. Os seres humanos se diferenciam de outros animais pela capacidade de raciocinar e de fazer história, que se dá de duas formas: a classe dos dominantes e a classe dos subalternos.

“Do ângulo das categorias do sexo, as mulheres ainda que façam história, têm constituído sua face oculta. A história oficial pouco ou nada registrada ação feminina no definir histórico. Isto não se passa apenas com as mulheres. Ocorre com outras categorias sociais discriminadas, como negros, índios, homossexuais”(SAFFIOTI,1987,p.11).

A autora deixa claro o fato da mulher fazer história, em toda sua vida, porém, essas mulheres não eram reconhecidas socialmente, e lembrando que elas não foram as únicas a sofrerem esse tipo de discriminação, temos o negro, e o índio a quem tanto contribuíram com a formação da sociedade brasileira, através de suas culturas, o trabalho braçal e a história dita positivista ou oficial deixaram esses personagens a margem do contexto histórico, e que só era considerado história os feitos da elite, que eram vistos como os verdadeiros heróis.

Então , essa face oculta está relacionado aos fatos históricos que não foram contados ou melhor não foram reconhecido através do preconceito e do poder de dominação que existe da classe dominante em detrimento das classes subalternas, que tentam resgatar a sua história através dos movimentos sociais, ao mostrarem que também são capazes de ocupar qualquer cargo profissional, que de forma injusta foram imputados os direitos de igualdade, lhes restando apenas os trabalhos, pejorativamente considerados como inferiores aos olhos da sociedade.

Diante dessas discriminações o homem legitima a sua superioridade, assim como a dos brancos, heterossexuais e dos ricos. Segundo Saffioti, a inferioridade feminina é exclusivamente social mesmo que já tenha sido consagrada a igualdade perante a constituição republicana, de 24 de fevereiro de 1891. Que diz: “Todos são iguais perante a Lei”. (2º do artigo 72). O Poder masculino se encontra a milênios e os homens temem em perder os seus privilégios que asseguram sua supremacia sobre as mulheres e que é legitimado através da igreja

2 O PROCESSO CULTURAL QUE PASSA DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO

O Patriarcado é um sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher em relação ao homem, podendo ser o pai, o irmão ou um tio. A autora diz que o poder do homem está presente em todas as classes sociais:

“De modo geral, contudo, a supremacia masculina perpassa todas as classes sociais, estando também no campo da discriminação racial. Ainda que a supremacia dos ricos e brancos torne mais complexa da dominação das mulheres pelos homens”. (SAFFIOTI,1987,p.16)

O Poder do homem se encontra em todas as classes sociais, apesar de existir preconceitos em relação a cor de sua pele ou sua posição social. Mesmo assim, impõe a sua autoridade as mulheres pobres e a situação fica ainda mais complicada se a mulher for negra. Quando se trata do homem branco “o todo poderoso”, estão mais a frente de cargos de chefia ocupando o lugar de dominador defronte de homens e mulheres pobres e negros. Sendo a mulher controlada de forma evasiva relacionada ao número de filhos que as famílias

deveriam ter, se por acaso a operária fizesse o teste de gravidez e acusasse positivo a sua demissão seria de imediato, os patrões de empresas capitalistas tinham prioridades por mulheres solteiras e sem filhos, para que pudessem lhe render mais lucros, enquanto as casadas trabalhariam em casa sem nenhum ônus fiscal para as empresas. Podendo concluir que as relações homem-mulher estão permeadas pelo poder.

2.1 Onde está centralizado o poder do macho?

Neste momento a autora Saffioti, irá fazer uma analogia do a um caçador que persegue a sua caça para matar. Segundo à autora o macho não se importa em ser o sujeito desejante, ele só quer usar a mulher como objeto do seu desejo e também ver a capacidade que ela tem de submeter-se aos seus desejos , mesmo nas relações sexuais entre homens e mulheres que hoje é configurado como estupro, o que antes era considerado algo natural, tornou-se crime. Através da ideologia dominante diz que a mulher não tem o direito de sentir desejos, portanto ela também não tem o direito de escolha. E temos como exemplo: as relações consensuais e que muitas vezes aconteciam dentro das famílias, os pais se relacionando com as próprias filhas, e sem falar dos meninos que se tornaram vítimas de seus genitores. Ela cita a falocracia:

“Desta concentração da sexualidade na genitália deriva a expressão falocracia(falo = pênis), ou seja, o poder do macho. Pode-se também inverter o raciocínio e afirmar que a consolidação da supremacia masculina, ao longo de milênios de história, conduziu ao endeusamento do pênis, anulando ou pelo menos reduzindo o prazer que o homem pode sentir em outras áreas de seu corpo. Desta sorte o homem paga um preço pelo poder de que desfruta”(SAFFIOTI, 1987, p.19).

Por motivo dessa centralização na genitália masculina o homem deixa de conhecer os lugares mais sensíveis em seu corpo abdicando de aproveitar de um prazer mais completo, se limitando apenas ao seu pênis que é sinônimo de poder e dominação, sem levar em consideração o alto preço que está pagando por não ter estimulado outras áreas de seu corpo através do toque que pode causar excitação. Também existe a preponderância que é o domínio do homem sobre a mulher.

Pois, a falocracia está relacionado ao poder do macho, que castra os seus sentimentos, não podendo chorar diante da perda de algum parente, que lhe cause sofrimento ou dor. A ausência do choro entre os homens, já foi comprovado cientificamente, que as glândulas lacrimais poderão ressecar por não serem estimuladas. Saffioti, refere-se a esse tipo de comportamento que está relacionado com a educação em que as crianças recebem ao longo de suas vidas, tendo quase sempre o homem em posição de comando em detrimento da mulher que é subordinada.

O Macho é considerado o provedor das necessidades da família, detentor da razão, sinônimo de coragem e quando não conseguem cumprir com suas obrigações, passam a se sentir um fracassado, muitos se entregam ao alcoolismo chegando até mesmo ao suicídio. A ideologia dominante que é detentora do poder econômico e político, impõe ao homem a necessidade de se ter êxito profissional. A supremacia masculina perpassa por todas as classes sociais que também se encontra no campo da discriminação étnica e racial.

Muitas vezes a mulher passam por situações vexatórias, quando se trata de sua vida reprodutiva, quando se faz um teste de gravidez e se o resultado for positivo, a funcionária estará demitida. Muitas vezes as mulheres são abusadas sexualmente, por seus patrões e essas práticas também ocorrem em repartições públicas, universitárias e com ameaças constantes de demissão, se por acaso a mulher não aceitar ser o seu objeto sexual.

A autora Saffioti, faz comparações entre a sociedade escravista e a feudal que ambas tinham mão de obra rudimentar e que não se tinha muita produtividade, e o pouco que sobravam de suas plantações eram investidos nas guerras. Apesar da grande quantidade de horas forçadas de trabalho, os escravos e camponeses produziam apenas para o consumo do seu Senhor, lembrando que o patrão e o trabalhador não tinham igualdade perante a lei. O sistema capitalista tem como auxílio a parte técnica e os equipamentos tecnológicos avançados, fazendo com que o patrão tenha lucros exorbitantes, mesmo quando é reduzida a quantidade de horas do proletário e a relação de patrão e empregado é de igualdade perante a lei.

A diferença fundamental entre o capitalismo, de um lado, e o escravismo e o feudalismo de outro, é o uso de tecnologia capaz de elevar a produtividade

do trabalho humano. Graças a essas inovações que pode o patrão aumentar os salários de seus empregados, aumentar-lhes as férias, reduzir a jornada de trabalho sem que percebam a intensidade da exploração de que é vítima o trabalhador. Uma delas aponta para que o fato de que nada na vida social, ocorre espontâneo ou automaticamente. É preciso lutar para promover mudanças. A outra razão é a preservação da inferioridade social da mulher nos países capitalistas altamente industrializados e o preconceito sobre a mulher sempre existiu. Mas o que importa para à autora em sua análise dos fenômenos sociais, é esta relação, quer quando se examinam as categorias de sexo, quer quando se analisa a convivência de distintas raças no Brasil e em muitos outros países caracteriza-se como uma relação de dominação e exploração. Como a intenção básica deste livro é questionar, propor ao leitor que não pare sua busca quando encontrar o preconceito que não se restringe apenas a mulher, também contra o negro:

Diz se, a boca miúda, que que no Brasil há democracia racial. Nada seria mais inverídico do que esta afirmação. Basta examinar as estatísticas para se verificar que os negros estão nas ocupações menos prestigiadas e mais mal remuneradas, que apresentam graus baixos de escolaridades, que não participam do poder político. Existem clubes que não admitem negros como seus filiados. Há restaurantes que não aceitam servir negros, barrando-os na porta ou fazendo-os esperar indefinidamente à mesa(SAFFIOTI,1987,p.51).

Infelizmente esse tipo de tratamento ainda existe contra o negro no Brasil, mesmo sabendo que somos fruto de uma mistura de raças entre: o português, o índio e o africano. Cabe salientar que no Brasil não se tem uma “raça” pura, todos os brasileiros têm consigo um pouco de cada um desses povos, não basta ter um lei que determina o racismo como crime. Segundo SAFFIOTI,o preconceito é uma ideologia que surge dentro da sociedade e que ganha força através da classe dominante que tem interesses financeiros diante dessa injustiça social contra “as pessoas de cor”.

O Negro brasileiro sofre vários tipos de chacota os colocando em situação de inferioridade do tipo: ele é negro de alma branca, mesmo os que se dizem não ser preconceituosos não pretendem se casar com pessoas negras. E justificam o as discriminações praticadas contra negros e pardos através de

fatos de gênero “negro é sujo, “negro é pouco inteligente”, “negro é supersticioso”. Pois se deve mudar o raciocínio, porque essas características, ao invés de terem sua origem na raça, são consequências da desigualdade social entre os brancos que dominam, e os negros que sofrem a dominação. Segundo a autora essas práticas foram se naturalizando na sociedade, fazendo com que o próprio negro criasse uma aversão referente a sua cor. No século XX, seria quase impossível o negro ter ascensão social, ou ocupar cargos que comando. A autora faz indagações aos leitores: Quem já viu um branco carregar as malas de um negro? Ou em trazer-lhe os chinelos? Mas sempre acontece o inverso, sempre se ver o negro servir ao homem branco da classe dominante. Se pode perceber essas diferenças também quando se faz uma seleção de emprego entre o homem branco e o negro, sendo o negro dispensado durante a entrevista. Assim a desconfiança permeia todas as relações entre os seres humanos socialmente desiguais. A mulher negra sofre discriminação de forma tripla: por ser mulher, negra e miserável. Segundo Saffioti a mulata passou a ser vista como um símbolo da sensualidade feminina que fala do processo de instrumentalização que acontece entre ambos:

Rigorosamente, entretanto, a atribuição de uma sensualidade específica à mulata constitui instrumento de manipulação usado pelo branco, que situa esta mulher na posição de satisfazer os seus desejos. Se, todavia, a mulata tomar consciência da instrumentalização de que é objeto, buscará, sempre que lhe for possível, aproveitar-se do mito. Ou seja, a instrumentalização da mulher por parte do homem pode gerar a instrumentalização do homem por parte da mulher. (SAFFIOTI,1987,p.54).

Essa relação de instrumentalização é um tipo de exploração onde o homem branco usa o seu poder de dominação sobre a mulher negra, que ao ceder se configura como um meio de sobrevivência, porque se por acaso negasse poderia ser morta, diante da fúria de seu dominador. Sabendo que não existe romantismo nem tão pouco troca de carinhos, quando ela tem essa consciência passa a se aproveitar da situação em seu favor.

3 PATRIARCADO, RACISMO E CAPITALISMO

As classes dominantes usufruem da simbiose dos três sistemas de dominação – exploração, com o advento do capitalismo, não podendo mais desintegra um sistema do outro tornando essa possibilidade impossível, pois, os mesmos já sofreram alterações ao longo do tempo que consolidou o poder do macho branco e adultos. Dentro desse contexto o nível de exploração do homem sobre a mulher estará relacionado a classe social que ela pertence, a classe social dominante ou a classe social subalternas.

A regra de fidelidade só é seguida por mulheres, pobres e as ricas sempre burlam, isso não quer dizer que as mulheres ricas não são oprimidas pelo homem, a sua fidelidade é fruto desta opressão. Porém, o homem da classe dominante só quer garantir que o filho seja realmente seu para que tenha a certeza de que seus bens serão administrados por um herdeiro legítimo, apesar que os casais vivem mais pela aparência, mostra mais uma vez o caráter hipócrita da moral burguesa.

Os casamentos consensuais- sem documentos cresceu muito no Brasil no séc. XX, porque o casamento estava mais direcionado as pessoas da burguesia, porque possuíam bens para partir entre o casal. A lei do divórcio foi aprovada em dezembro de 1977 no Brasil, pelo o Senador Nelson Carneiro, tanto os conservadores quanto a igreja influenciaram, por retardar a lei do divórcio.

Como os casais pobres não têm bens para dividir, portanto a legalização do casamento fica e segundo plano. Entre as categorias sociais ainda é vantajoso ser mulher rica e dependente do marido, ainda menos mau do que ser homem das classes trabalhadoras. Sem sombra de dúvida, é também menos mau do que ser mulher pobre, negra ou mulata, dessa forma essa estrutura de dominação e exploração só favorece ao homem rico, branco, adulto e a sua esposa.

Segundo a autora Saffioti o capitalismo é um sistema de exploração baseado na exploração de mão de obra assalariada, com o auxílio de tecnologia crescente sofisticada.

A autora faz comparações entre os três sistemas econômicos: escravocrata, feudais e capitalista que aconteceu no período de toda a história

e que têm em comum as desigualdades sociais , que fica mais acentuada a partir da propriedade privada dos meios de produção que está nas mãos da minoria, que vive às custas dos trabalhadores, que têm um trabalho desumano enquanto a classe burguesa não só viviam na ociosidade, e dentro dos sistemas anteriores os senhores tinham o poder de morte de seus subordinados, dando como referência o século XVI, em que a autora acredita ter sido o início do sistema capitalista, porque a concentração de riquezas estava concentrada nas mãos de poucos. E que surge a necessidade de se pagar salários para que os menos favorecidos pudessem produzir grandes quantidades de mercadorias, que são bens e serviços que se vende no mercado. O trabalhador irá vender a sua força de trabalho (suas energias física e mental). Que é utilizada pelo patrão durante o tempo legalmente determinado. Mostra que através das lutas sociais se obteve uma redução da carga horária, que no Brasil era de 48hs. E depois da aprovação da CLT (Consolidação das Leis Trabalhista) em 1943 essa carga horária é reduzida para 44hs ou sendo 8 horas por dia.

Segundo a autora Saffioti o que diferencia o capitalismo das sociedades escravistas e feudais é o auxílio da técnica e a modernização das máquinas, que é capaz de elevar a produtividade do trabalho humano. Cabe salientar que o avanço tecnológico propicia a substituição de trabalhadores por máquinas aumentando o número de pessoas desempregadas, muitos não têm as qualificações necessárias para as exigências fabril. Com a ascensão do capitalismo acontece o fenômeno chamado de êxodo rural, que é a saída do homem do campo para as cidades que estão se industrializando como era o caso da cidade de São Paulo, em busca de melhores condições de vida, formando gigantescos bolsões de miséria na periferia, não apenas nas grandes cidades mas também estava se estendendo as cidades de médio porte. Deixando claro que a miséria constitui um dos polos do processo de acumulação capitalista.

Segundo a autora Saffioti, o dinheiro só se constitui como capital, quando se existe uma relação social. O dinheiro aplicado na construção de uma fábrica, na agricultura, na pecuária, constitui capital, porque cria uma relação de exploração do empregado pelo patrão no processo de mercadorias. Com a riqueza de poucos e o empobrecimento de grande parte das classes

trabalhadoras, a acumulação de capital e a miséria são, portanto, polos de um mesmo processo, faces de uma mesma moeda.

A população brasileira insiste em dizer que a pobreza só existe nos países subdesenvolvidos pois, isso não é verdade, porque no país, mais rico do mundo também existe pobreza em menor intensidade, que é Os Estados Unidos, que sua riqueza é fruto de um processo de exploração dos países subdesenvolvidos, e os pobres são negros e imigrantes. Ao analisar mais de perto a sociedade brasileira, tais sistemas de dominação e exploração serão analisados na ordem cronológica de seu aparecimento na história da humanidade.

Isto posto, pode-se concluir que o patriarcado não se resume a um sistema de dominação, modelado pela ideologia machista. Mais do que isto, ele é também um sistema de exploração. Enquanto para efeito de análise, ser situada essencialmente nos campos políticos e ideológicos, a exploração diz respeito diretamente ao terreno econômico.

Desta sorte, fica patente a dupla dimensão do patriarcado: a dominação e a exploração. Quando ao negro se oferecem boas condições de desenvolvimento, ele poderá revela-se tão bom ou melhor que o branco.

Segundo a autora Saffioti o preconceito, está em várias categorias, como o índio, o asiático, o europeu e etc. Apesar que a sua análise está limitada ao espaço brasileiro. Dentro desse contexto a mulher, na ordem das “bicadas” neste país, a mulher negra ocupa a última posição, e ela é duplamente discriminada: enquanto mulher e negra. De acordo com o modelo oficial, cabem-lhe, fundamentalmente dois papéis: o de empregada doméstica e o de objeto sexual. A autora dá exemplo através da viúva Porcina da novela Roque Santeiro, que mesmo sendo rica, o seu comportamento estava mais próximo de uma prostituta e não lhe caberia uma empregada de cor, porque basicamente, Mina era igual a sua patroa. O mito da mulher negra ou mulata sensual foi criada pelo homem branco, enquanto existir seres humanos desiguais, sempre haverá desconfiança entre as categorias, o branco desconfiará do negro, o homem desconfiará da mulher. Saffioti diz que só haverá confiança entre iguais. A violência masculina contra a mulher atravessa todas as classes sociais e não é “privilégio” de pobre. A autora faz referência de dois crimes praticados em diferentes classes sociais e que os dois têm

como objetivo o assassinato não importa que o um Zé ninguém mate a sua esposa com um machado, enquanto Doca Street assassine barbaramente Ângela Diniz, usando um revólver.

A discriminação que pesa entre uma das categorias sociais servirá para introduzir o fenômeno da diferenciação dentre os candidatos a empregos. Porque a mão de obra é heterogenia, não só pela qualificação profissional, mas também pelo sexo e de raça sobre os quais seus portadores têm controle. Para o branco dominante é mais fácil pagar baixos salários a negros e mulheres, e menor ainda se a mulher for negra, ela passa de duplamente para triplamente discriminada se ela estiver nas seguintes categorias: mulher, negra e miserável.

4 AS CLASSES SOCIAIS

Segundo a autora Saffioti, o Brasil estava dividido em 3 classes sociais, sendo: 1º) A classe dominante; 2º) A classe média; são as categorias que fazem parte das categorias consideradas improdutivas, porém, necessárias e 3º) ficaram os pobres e miseráveis que fazem parte do maior número da população.

Pois bem, dentro dessa simbiose de dominação foi analisado: As relações entre homem e mulher, das relações entre as etnias, das relações entre as classes sociais. (SAFFIOTI, 1987, p.67).

Segundo a autora Saffioti, essa simbiose é uma forma de opressão sobre as classes sociais menos favorecidas que estão sujeitos a todo tipo de injustiças praticado por dominador, que obtêm lucros vultosos dessa relação de exploração sobre a mulher, e o negro, essas categorias são discriminada pela sociedade, causa de estereótipos construídos ao longo do tempo que se caracterizou como “naturais”. Sem que nessa disputa não são dado condições de oportunidades iguais

O machismo está presente tanto na cabeça dos homens quanto na cabeça das mulheres que contribui enormemente para a preservação do estado de coisas vigente no Brasil, pleno de injustiça.

Segundo a autora Saffioti, diz que no momento em que a mulher reconhece a sua “inferioridade” perante ao homem, ela estará confirmando a autoridade do homem sobre a mulher.

Segundo a autora a pedra fundamental da ideologia liberal consiste na igualdade de todos perante a lei. Já se observou que esta igualdade é meramente formal. A ideologia liberal criou estereótipos um para a mulher frágil e o outro para o homem forte. Enquanto têm crianças mal alimentadas chegando mesmo até a ficar subnutridas: se alimentam de carboidratos, doces e batatas, sendo uma discrepância muito grande em relação a qualidade dos alimentos. Os bemnascidos, têm a sua alimentação baseada em proteínas animais e vitaminas. Na medida em que se tem várias crianças pobres sofrendo por inanição os hectares de plantação de laranja, muitas vezes por falta de preços ficam apodrecendo nos pés de laranja, é contraditório toda essa situação, mas isso acontece por causa da economia de mercado, pois os produtores acham melhor perder as frutas nos pés do que vender a preços baixos. A sociedade brasileira tenta “validar” a ideologia liberal, que situa o êxito econômico como um objetivo passível de obtenção por qualquer pessoa. Basta ter força de vontade, coragem para trabalhar, anulando as singularidades entre os seres humanos, assim afirma a ideologia liberal.

A autora Saffioti, apresenta as contradições que existe entre a classe dominante e a subalterna, mesmo que a mulher possa estudar engenharia da mesma forma que o homem, mas na hora de ingressar no mercado de trabalho a mesma será excluída, por pura discriminação contra a mulher, que só consolida o poder do homem sobre a mulher, esse fato não está restrito apenas as empresas privadas mas também nas públicas.

A autora Saffioti, fala das leis que pegam e as que não pegam, porque no Brasil tem muitas leis, porém não têm muita utilidade para quem sofre o preconceito, porque essas leis, deixam brechas para a classe dominante manipularem ao seu campo de interesse. Por vezes a sociedade possa não está tendo consciência da importância da mulher dentro do processo de reprodução, pois dela está a sua própria sobrevivência, porque se os casais deixarem de ter filho, as sociedades desaparecerão com a morte de seus membros adultos. A proteção à maternidade faz parte da ideologia liberal, tanto

assim que a CLT oferece esta proteção abstrata à gestantes, que teoricamente elas são bem elaboradas, mas no cotidiano as coisas são bem diferentes:

Art. 391. Não constitui justo motivo para a rescisão do contrato de trabalho da mulher o fato de haver contraído matrimônio ou de encontrar-se em estado de gravidez.

Parágrafo único. Não serão permitidas em regulamentos de qualquer natureza convenções coletivas ou contratos individuais de trabalho, restrições ao direito da mulher ao seu emprego, por motivo de casamento ou de gravidez.

“Art. 392. É proibido o trabalho da mulher grávida no período de 4 (quatro) semanas antes e 8 (oito) semanas depois do parto.

“Art. 393. Durante o período a que se refere o artigo 392, a mulher terá direito ao salário integral e, quando variável, calculado de acordo com a média dos 6 (seis) últimos meses de trabalho, bem como os direitos e vantagens adquiridos, sendo-lhe ainda facultado reverter à função que anteriormente ocupava.(SAFFIOTI,1987, p.74)

Os artigos 391;392 e 393 que foram transcritos acima, é mais um direito “conquistado” pelas mulheres, mesmo que elas se encontrem dentro de várias estruturas de dominação, como: o patriarcado -racismo e capitalismo, mas o poder terá que validar esses direitos que quase sempre são burlados pela classe dominante. E sob ameaças de demissão muitas mulheres voltam para o seu posto de trabalho bem antes do tempo que está prescrito por lei. A autora faz comparações entre as leis brasileiras com as leis dos Estados Unidos, por estarem referidas a maternidade não serem estendidas a todos os estados. Diante dessa situação pode-se dizer que a prática é diferente da teoria. A mulher quando se casa ou quando engravidam são automaticamente despedidas e substituídas por mulheres solteiras e sem filhos, isso só não acontece quando as empresas não têm condições de fazer essa reposição de funcionárias de forma rápida.

Segundo a autora Heleieth Saffioti, a divisão de trabalho desqualifica o profissional, pelo fato de o mesmo não ter mais conhecimento sobre as etapas de como confeccionar o produto por completo. Milhares de costureiras que sabiam costurar foram transformadas em costureiras que não sabem costurar. Desqualificaram-se para o trabalho que, no passado garantiu o seu sustento, esse processo aconteceu a partir da automação das indústrias que é fruto do sistema capitalista.

Segundo a autora o “branqueamento” significa a adesão do negro à ideologia dos brancos, o que facilita aos negros ocupar certas posições na estrutura de poder construída pelos brancos. Em outros termos, negro poderoso é branco. Portanto, o processo de “branqueamento” tem natureza social. Isto é, embora o poder exercido por determinados negros não lhes altere a cor da pele, propicia-lhes um tratamento igual ou semelhante àquele dispensado aos brancos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desta Obra “O Poder do Macho”, da autora Heleieth Saffioti, teve resultados positivos pelo fato de sua temática estar em questão no mundo contemporâneo como: A discriminação entre a mulher e o negro, As lutas de classes entre a burguesia e o proletariado, que aconteciam dentro de estruturas de dominação (patriarcado – racismo – capitalismo).

Que se pode ver como aconteciam essas relações de dominação – submissão, podemos dizer que essas estruturas ainda estão muito fortes dentro da nossa sociedade, apesar de ter sofrido algumas alterações que foram conquistados através de movimentos sociais, e políticas públicas. Leis foram elaboradas no intuito de proteger as categorias que sofrem com o preconceito (a mulher e o negro) podemos citar as casas de apoio e as delegacias da mulher vítimas de violência doméstica, que beneficia classes sociais menos favorecidas do preconceito que permeia a nossa sociedade com bastante intensidade.

Esse livro nos permite contextualizar as décadas de 70 e 80, com a nossa atualidade e refletir sobre o poder de mudança na mente das pessoas que estão alienadas e engessadas nas ideologias que surgiram para aprisionar o ser humano. Mas a autora deixa as perguntas em aberto para que o leitor possa elaborar a sua própria resposta.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALDWELL, Kia Lilly. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. Revista Estudos Feministas, 2000. Disponível em: Acesso em 12 de março de 2014.

COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Org.). Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

COSTA. Ana Alice Alcântara Costa. As donas do poder. Salvador: NEIM/UFBA – Assembleia Legislativa da Bahia, 1993.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____ (org.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MOUFFE, Chantal. O regresso do político. Lisboa: Gradiva. 1993.

PISCITELLI, Adriana. “Re-criando a (categoria) Mulher”. In: L. M. Algranti (org.) A Prática Feminista e o Conceito de Gênero. Textos Didáticos, n.48, 2002.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. Sociedade e Cultura, v. 11, N 2, p. 263 a 274, jul/dez. 2008.

SAFFIOTI, H. A mulher nas sociedades de classes: mitos e realidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. O poder do macho. São Paulo : Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. “Rearticulando Gênero e Classe.” In: COSTA, A.; BRUSCHINI, C. (orgs.). Uma Questão de Gênero, RJ: Rosa dos Tempos; SP: Fund. Carlos Chagas, 1992, pp:183-215.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Vol. 20 (2), jul/dez. 1995.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, nº 1: janeiro-abril/2005. Versão impressa ISSN 0104-026X. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000100002&lng=pt&nrm=iso&userID=-2 Acesso em: 12 de mar.2014.

http://memoria.cnpq.br/web/guest/pioneiras-view/-/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/1144214

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus por ter me mantido na trilha certa durante este a elaboração deste artigo, com saúde e forças para chegar até o final. Na tentativa de driblar as adversidades da vida em prol de um sonho que diante dos olhos de muitos seria inalcançável.

Sou grata à minha família pelo apoio que sempre me deram durante toda a minha vida. Deixo um agradecimento especial ao meu orientador pelo incentivo e pela dedicação do seu escasso tempo ao meu a análise da obra:” O Poder do Macho”. Também quero agradecer à Universidade Estadual da Paraíba e a todos os professores do meu curso de História, pela elevada qualidade do ensino oferecido. E ofereço todo meu esforço, dedicação e conquista a ELZA LAURENTINO GOMES (MÃE), que já não se encontra mais entre nós, por ela ter me incentivado a nunca desistir dos meus sonhos.